

A LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL - A QUE ESTUDAMOS E A QUE FALAMOS: O PAPEL DO PROFESSOR

Tauan Ackermann Garcia¹. Gesiane Monteiro Branco Folkis².

¹Centro de Ciências Humanas – Universidade do Sagrado Coração –
prbass3@gmail.com

²Centro de Ciências Humanas – Universidade do Sagrado Coração –
gfolkis@usc.br

Tipo de pesquisa: Iniciação Científica voluntária

Agência de Fomento: Não há

Área de Conhecimento: Humanas – Letras – Linguística

A língua brasileira sofreu (e ainda sofre) variações. É mutante, adapta-se e transforma-se. As mudanças encontram resistência nos defensores da Língua que ainda se prendem aos valores normativos antigos. Para outros, conhecedores do uso contemporâneo da língua, o Brasil fala português brasileiro e não mais o português da "colônia". Esta posição encontra respaldo científico nas novas gramáticas do português brasileiro. As formas de língua do Brasil e de Portugal são diferentes embora tenham o mesmo nome. Existe, ainda, grande resistência para compreensão desse fato no ensino da língua portuguesa. Possenti (1996) observa que a língua ensinada na escola não se adapta ao Brasil hodierno. As perguntas ainda são “sobre o que é certo ou errado e as nossas respostas são apenas baseadas em dicionários e gramáticas, isso pode revelar uma concepção problemática do que realmente seja uma língua, tal como ela existe no mundo real, na sociedade complexa em que ela é falada”. No âmbito escolar, os alunos se deparam com uma realidade idiomática muito distante daquela utilizada em seu cotidiano e o que dizem de diferente é considerado “erro”. Isto não significa ignorar o ensino da norma culta. Ela é necessária e valorizada em nossa sociedade. Então, qual Língua ensinar? Nossa proposta é discutir alguns aspectos do ensino da Língua e ouvir professores sobre o que consideram “erro linguístico” A língua portuguesa em sua variedade brasileira é algo que o professor deve conhecer bem para ensinar. Para isto, é preciso considerar alguns aspectos: (1) entender os fatos da língua, antes de querer corrigir e enquadrar seus falantes em regras normativas às vezes ultrapassadas; (2) no estudo da língua, os problemas nem sempre têm respostas simples, pois são decorrentes de aspectos diacrônicos, diatópicos e diastráticos e (3) abrir mão de preconceitos linguísticos não é abandonar o ensino da norma culta.

Palavras-chave: Ensino de língua. Norma culta e realidade brasileira. “Erro” e ensino da língua.